



**cada leitura,  
uma experiência**



# PREGANDO O EVANGELHO

Sermões contextualizados

**Eduard Haller**

*Organização de Albérico Baeske e Gustavo Schmitt*



## SUMÁRIO

Apresentação

9

SALMO 16

*“Uma joia preciosa”*

11

ISAÍAS 38.17

*“Lançaste para trás de ti todos os meus pecados”*

(Prédica de Ano Novo)

19

ISAÍAS 55.1-3

*“Ouvi, e vossa alma viverá”*

25

MATEUS 2.13-15, 19-23

*“A fuga para o Egito”*

33

MATEUS 8.5-13

*“O centurião de Cafarnaum e a hierarquia”*

41

MATEUS 11.28

*“O convite do Salvador”*

51

MATEUS 12.38-42

*“Jesus, o sinal e a submissão de Jonas”*

57

MATEUS 13.31-33

*“A melodia do grão de mostarda e do fermento”*

65

MATEUS 14.22-33

*“Pedro afundando”*

73

MATEUS 17.1-9

*“A transfiguração de Cristo”*

81

MATEUS 20.1-16

*“Mas que trabalhador esquisito é este?”*

89

MARCOS 2.13-17

*“Ele se levantou e o seguiu”*

97

MARCOS 4.1-9

*“O risco e o milagre”*

105

MARCOS 6.1-6

*“Jesus em Nazaré: quem é este Jesus realmente?”*

113

LUCAS 1.39-56

*“Maria e Isabel – reflexões sobre o Advento”*

121

LUCAS 1.60 e 1.57-80

*“Ele deve ser chamado João! Ou: como surgiu o Advento”*

131

LUCAS 2.1-14

*“Natal – Hoje vos nasceu o Salvador”*

139

LUCAS 2.17

*“Anunciado e divulgado”*

147

LUCAS 2.41-52

*“Jesus aos doze anos – onde a fé tem seu lar”*

155

LUCAS 7.11-17

*“Dois grupos se cruzam no caminho – qual dará lado?”*

165

LUCAS 8.4-15

*“O semeador e a sua plantação”*

173

LUCAS 10.38-42

*“O que Maria compreendeu”*

181

LUCAS 13.10-17

*“A restauração da paz com Deus no sábado, o ‘Dia da Paz de Deus’”*

191

LUCAS 14.1-6; MATEUS 12.9-14; MATEUS 12.8

*“Jesus cura o sábado”*

199

LUCAS 19.1-10

*“Como de um maldito surgiu um bendito”*

207

JOÃO 1.29  
“O Cordeiro de Deus”

217

JOÃO 2.1-11  
“Transformações”

225

JOÃO 15.1-8  
“A videira verdadeira”

235

JOÃO 16.23-24  
“Pedi”

243

2 CORÍNTIOS 5.18-21  
“Reconciliação”

251

TITO 2.11-14  
“Um hino de Natal apostólico”  
(Domingo após Natal)

261

I PEDRO 1.3-9  
“Páscoa”

271

Adendo

279



## APRESENTAÇÃO

Jamais a prédica é um discurso inventado ou solto. Ela está intrinsecamente ligada a um determinado trecho bíblico. Ele é precedente, a prédica, subsequente. Ela não repete os resultados do estudo exegético do texto dado. Porém, e importante: a prédica brota da ausculta linguística original (hebraico ou grego), da compreensão de seu contexto escriturístico (as circunstâncias de seu surgimento) e da captação de sua mensagem (primeva). Tal trabalho básico deve ser metuculoso. Exige disposição e concentração, oração e reflexão – e fôlego, muito fôlego.

Igual dedicação exige a aplicação da mensagem descoberta à congregação ouvinte. Pré-requisito é a convivência diária da pessoa que prega com as pessoas que ouvem a prédica. Precisa-se ter presente que estas notam se o texto pregado atinge, também, a quem o prega. Desta feita, se evidencia a importância da prédica para todas as pessoas envolvidas. O trecho bíblico dissecado, de jeito multiforme, não exclui ninguém. Ele resiste às arbitrariedades, tanto da pessoa que prega, quanto dos ouvintes. Nenhum trecho bíblico informa sobre Deus ou apela ao sentimento das pessoas em relação a Deus. O intuito do trecho bíblico é, sempre, suscitar fé e esperança em Deus que se realiza em Jesus Cristo, chamar de volta

a quem se perdeu e foi esquecido, carregar as pessoas nos aperreios, indicar-lhes o caminho para a vida solidária e plena.

O pregador Eduard Haller, embora convivendo em ambiente diferente do nosso, está focado nos textos bíblicos, comunicados em culto público. Haller demonstra que a compreensão de um trecho bíblico é fundamental para a congregação ouvir e entender a Palavra de Deus. Assim, esse pregador auxilia a quem deseja auxílio na tarefa de pregar – a empreitada verdadeiramente ecumênica, repleta de aspectos edificantes e periclitantes.

Portanto, somos muito gratos ao esmerado tradutor Hugo Solano Westphal e ao atento revisor Walter Volkmann.

*Os organizadores,  
pela Comunidade Congregada pela Ceia do Senhor*

## SALMO 16

*“Uma joia preciosa”*



- 1 *Guarda-me, ó Deus, porque em ti me refúgio.*
- 2 *Digo ao Senhor: Tu és o meu SENHOR; outro bem não possuo, senão a ti somente.*
- 3 *Quanto aos santos que há na terra, são eles os notáveis nos quais tenho todo o meu prazer.*
- 4 *Muitas serão as penas dos que trocam o SENHOR por outros deuses; não oferecerei as suas libações de sangue, e os meus lábios não pronunciarão o seu nome.*
- 5 *O SENHOR é a porção da minha herança e o meu cálice; tu és o arrimo da minha sorte.*
- 6 *Caem-me as divisas em lugares amenos, é mui linda a minha herança.*
- 7 *Bendigo o SENHOR, que me aconselha; pois até durante a noite o meu coração me ensina.*
- 8 *O SENHOR, tenho-o sempre à minha presença; estando ele à minha direita, não serei abalado.*
- 9 *Alegra-se, pois, o meu coração, e o meu espírito exulta; até o meu corpo repousará seguro.*
- 10 *Pois não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção.*
- 11 *Tu me farás ver os caminhos da vida; na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente.*

Eis aí, no Antigo Testamento, palavras carregadas de uma convicção de plena paz que, na verdade, só podemos compreender e vivenciar porque aconteceu a Páscoa! Martim Lutero deu a este Salmo maravilhoso o título “Uma joia preciosa”. Uma joia que, qual espelho, reflete a total confiança em Deus. Ele vê neste Salmo um brilho e um fulgor, um clarão luminoso, anunciando a felicidade pascal, repleta de alegria e de certeza. E bem aí, em páginas do Antigo Testamento, ele enxerga palavras já anunciando a certeza da ressurreição, palavras, porém, que só se tornam realidade no Novo Testamento, proclamadas pelo testemunho pascal dos apóstolos. No Livro dos Salmos, pois, Lutero já ouve o ressoar da jubilosa melodia do Novo Testamento.

Só que tal melodia nem sequer é inerente aos salmos. Bem outras melodias são corriqueiras em seu repertório. Somos confrontados, na maioria deles, com gritos provenientes das profundezas, resultantes das dores, das doenças, das perseguições, do medo, das ameaças. Corriqueiro em seu repertório são pessoas acometidas por tentações, dúvidas e opressões, afundadas em perguntas sem resposta e em desafios sem solução. Sim, nos salmos lamenta-se e berra-se! Poderíamos, agora, apresentar enorme lista destas melodias de amargo arrependimento, de gemidos profundos resultantes da injustiça vigente no mundo, das melodias dos remorsos, dos delitos cometidos, da vergonha resultante da própria culpa, dos pedidos por proteção diante dos inimigos que intentam contra a vida de quem ora.

Agora, porém, nesta manhã: “Uma joia preciosa”. Uma preciosidade graciosa, uma canção nascida nas profundezas da felicidade, da paz e da alegria resultantes da fé. Uma canção que, de uma vez, deixa para trás tudo o que implica em aflição, tristeza e desespero. Ainda que sempre de novo se farão ouvir sons de

preocupações e de lamentações, e na vida de uma pessoa de fé se farão ouvi-las bastante e até demais, também é verdade que aqui, agora, em meio aos salmos, não são “estes sons” que se ouve, mas se ouve a melodia plena de felicidade.

Como foi que o cantor deste hino chegou a estes novos sons? Seria isso meramente resultado de um estado de espírito, de uma paz interior que, repentinamente, brota no solo existencial de um felizardado? Ou será apenas fruto da capacidade do “autodomínio”, um modismo de nossos dias, ou do “pensamento positivo”, expressão bem mais atual ou bem mais charmosa? Não se trata de nada disto! Muito antes, a pessoa que aqui está orando se sabe aceita, percebe acontecendo dentro de si um amparo gracioso durante o culto no templo e, então, ela se prende a esta ajuda amorosa, deixa-se envolver por ela como por um sobretudo, por uma capa. Ela simplesmente canta em sua oração: “Por sua paternal bondade de mim Deus se comiserou” (Philipp Friedrich Hiller, 1699-1769). Ela abre espaço em si própria para a misericórdia de Deus, ela deixa Deus reinar, como também nós o fazemos, entoando hinos transbordantes de confiança de nosso hinário. Deus não me engana, não mente, quando me diz: “Tu és meu”.

Esta pessoa, que ora confia-se ao Deus que lhe prometeu sua misericórdia, demonstra sair por completo das profundezas, pois inicia seu cântico de confiança com o pedido bem humilde por proteção. Ela é como a criança que procura por ajuda e que a encontra ao correr em direção aos braços do pai, aos braços fortes do pai, ao qual clama: “Guarda-me, ó Deus, porque em ti me refugio”. Aqui, nas profundezas, inicia a confiança. Aqui, na fé, por assim dizer, está o começo de tudo. Aqui, onde o frágil ser humano faz seu pedido, onde o ser humano, que está em perigo, grita por socorro. Aqui, a fé não se manifesta como patrimônio imponente,

mas como pobreza; não como destreza, mas como dependência; não como poder, mas como fraqueza; não como fanfarronice, mas como fragilidade. Aqui, onde nada é factível com as nossas forças, mas onde tudo depende da bênção de Deus, onde tudo depende do seu socorro e da sua intervenção e da sua solicitude em prol do frágil ser humano, aqui inicia o hino de confiança: “Guarda-me, ó Deus, porque em ti me refugio”.

E, então, este Salmo continua na mesma linha: “Digo ao SENHOR: Tu és o meu Senhor; outro bem não possuo, senão a ti somente”. A “suprema felicidade dos mortais”, a sua “personalidade”, como Goethe a entendia, não é, portanto, a realidade encontrada nos salmos. É palpável, hoje, como aquela vaidade da altivez arrogante pode se transformar periodicamente em procura e devaneio doentio na busca da própria personalidade. É impressionante como, nos dias atuais, ecoa de todos os cantos e de centenas de grupos, que se ocupam com a psicologia, a preocupação em como encontrar aquela suprema felicidade dos mortais, que Goethe enalteceu como sendo a personalidade, e como isso se transformou em problema que arde nas mãos e que gravita em torno de si próprio como tema universal do encontrar-se a si mesmo, do descobrir-se a si mesmo, do realizar-se a si mesmo. – O salmista fala de algo diferente: “Digo ao SENHOR: Tu és o meu Senhor; outro bem não possuo, senão a ti somente”. Ou seja: a felicidade começa ali onde alguém para de gravitar em torno de si próprio e, em vez disso, olha para aquele que prometeu conduzi-lo paternal e fielmente. Ali, a pessoa que ora coloca-se sob as exigências e o amparo, sob o cuidado e a misericórdia de seu Senhor, e, com isto, encontra-se na esfera do Primeiro Mandamento: “Eu sou o SENHOR, teu Deus, eu te libertei, não terás outros deuses diante de mim”. Assim, e somente assim, a pessoa consegue ser verdadeiramente feliz. Isso é assim porque uma felicidade proveniente de Deus é indestrutível, como

Dietrich Bonhoeffer testemunhou este consolo até a prisão, até a morte: “Seja eu quem eu for, tu me conheces, eu sou teu, ó Deus”. É nesta confiança que a pessoa expressa as palavras da sua oração. Ela sabe da misericórdia contida no Primeiro Mandamento: “Não terás outros deuses diante de mim”. Ela não ouve esta ordem como carga que lhe é imposta, mas a ouve como convite para a felicidade, ouve-a como Evangelho jovial e puro, como oferta para viver diante de Deus, como alguém que é retirado da trilha da morte. “Muitas serão as penas dos que trocam o SENHOR por outros deuses; não oferecerei suas libações de sangue, e os meus lábios não pronunciarão o seu nome”. Esta pessoa, que aí ora, conhece a verdadeira felicidade decorrente da aliança com Deus, sabe que esta aliança é pura graça, “porção da herança e arrimo da sorte”, resultantes da opção que Deus fez por ela. Aí não existe nenhum vestígio de vanglória, mas apenas gratidão e alegria. “Bendigo o SENHOR, que me aconselha”, “estando ele à minha direita, não serei abalado”. É assim que isso ressoa na joia preciosa, que deseja muito ser nosso hino matinal. Tal esperança não é um mero penduricalho em sua vida, mas esta confiança preenche totalmente esta pessoa que aí ora, todos os pensamentos, todas as fibras, enfim, toda a existência dela é perpassada por esta esperança. “Alegra-se, pois, o meu coração, e o meu espírito exulta; até o meu corpo repousará seguro”. A pessoa, que aí ora, coloca esta esperança como confiança indestrutível até perante a morte: “Pois não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção”. palavras pascais por demais audazes em meio ao Antigo Testamento! Sob a boa presença de Deus, sob seu santo domínio e sob sua dedicação misericordiosa, nem a morte pode ser mais o que sempre foi: a grande destruidora!

O mais tardar com esta afirmação, esta “joia preciosa” poderia tornar-se incômoda para nós. É esta ainda uma visão realista das coisas? Não estará esta pessoa exagerando por comple-

to? Ela menciona espírito, alma e corpo, portanto, o ser humano por inteiro, não dividido, repleto de alegria e júbilo, envolto por segurança e proteção. Será que esta pessoa nada sabe acerca do lado triste da vida humana? Nada sabe acerca das perturbações mentais, que podem acometer uma pessoa como um fantasma? Nada sabe acerca dos tormentos da alma, que afugentam o sono e enchem a existência de trevas? Nada sabe acerca de medo e desespero, de doença e degeneração corporal, diminuição das forças, tumores, câncer e lepra? Nada sabe sobre como um corpo humano e uma vida humana podem estar desgastados em pouco tempo, com dificuldade de locomoção e mal conseguindo manter-se ereto? Que lugar tem esta “joia preciosa” nos isolamentos trancados a chave das nossas clínicas psiquiátricas e nas unidades de tratamento intensivo de nossos hospitais? Nas enfermarias e nas casas que acolhem pessoas com deficiências? E acima de tudo: onde fica esta certeza tão ousada diante da morte? Será que esta pessoa nunca esteve parada junto à sepultura de um ente querido? Não sabe como pode ser triste, desesperador o falecimento de uma pessoa? Que lugar tem esta “joia preciosa” durante o sepultamento de um pai de família morto em acidente, de uma jovem mãe? Será que, nestes momentos, aquelas pequenas vasilhas para receber as lágrimas, que foram achadas junto a sepulturas romanas como utensílios para o cerimonial de sepultamento, não estão muito mais próximas de nós do que esta “joia preciosa”?

Aqui estamos diante do mistério que nos mostra serem os salmos não apenas palavras humanas, mas palavras proféticas de Deus, inspiradas e transmitidas pelo Espírito Santo: Israel prefigurou, nestas orações, a linguagem usada por Jesus de Nazaré em suas orações. Afinal, ele orou segundo as palavras deste Salmo! Ele é igualmente quem ora este salmo, ele é verdadeiramente o único entre nós humanos que deveras não correu atrás de outros



deuses, como consta na “joia preciosa”, ele é verdadeiramente o único que sempre tem o Senhor à sua presença, ele, o único que nunca pecou, o único justo entre os seres humanos, que foi pendurado na cruz e deitado na sepultura e sobre quem então a morte não teve poder. A exemplo dele, este único justo, que Deus ressuscitou, a exemplo dele a Igreja cristã ora este salmo. Na boca de Jesus, a total confiança em Deus encontrou plena realização, e se cumpriu a palavra esperançosa contra o poder da morte. Porque aconteceu a Páscoa com este Cristo, porque foi retirado da sepultura, por isso esta “joia preciosa” pode permanecer nos hinos do Antigo Testamento e pode ser cantada nas igrejas cristãs. Quase todos os hinos em nosso hinário contêm rastros destas afirmações acerca da vitória sobre a morte e tratam de uma esperança eterna. Por causa de Jesus Cristo podemos perseverar nas promessas de tal Salmo e em todo o Evangelho da nova aliança. Somente agora, por intermédio de Jesus Cristo, o Salmo não traz um testemunho confortante só para cada pessoa que ora individualmente, mas para todas as pessoas que oram na nova aliança. Este Salmo surge como a brilhante estrela matinal sobre todo e qualquer sofrimento humano, morte e choro: “Tu me farás ver os caminhos da vida; na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente”. *Amém.*